

Capítulo 3

**A relação “saúde e educação” em
perspectiva histórica: preocupação com
a saúde nos manuais de ginástica que
circularam em Minas Gerais no final
do século XIX e início do século XX**

Diogo Rodrigues Puchta

*La gimnástica es una parte de la Medicina,
que enseña el modo de conservar y restablecer
la salud por medio Del ejercicio*

Tinot¹

*O homem, quando diligencia a adquirir ou conservar a
saúde por meio da sua atividade pessoal, tem muito maiores
probabilidades de conseguir bons resultados, assim como dá
prova de mais dignidade, do que quando, tendo perdido a
saúde, espera recuperá-la pela ação simples dos recursos da
natureza, ou com o auxílio dos remédios dos farmacêuticos*

D. M. Schreber²

Introdução

A preocupação com a saúde das crianças não é novidade na história da educação. Com efeito, as relações entre saúde e educação são mais antigas do que se imagina e perpassam todo o processo de criação e consolidação da escola moderna. Não por acaso, o tema da saúde, mais especificamente da higiene escolar e da intervenção médica na escola, já foi bastante explorado por diferentes autores. Exemplos disso são os trabalhos publicados por Antonio Viñao (2000), Gondra e Rocha (2002), Gondra (2003, 2004), Rocha (2003, 2005, 2010), entre outros.

Foram muitas as questões sobre as quais os médicos se debruçaram ao discorrerem sobre a educação das crianças no século XIX e início do XX. As preocupações iam desde a arquitetura do espaço e o tempo escolar,

1 “A ginástica é um ramo da medicina que ensina como conservar e restabelecer a saúde por meio do exercício.” Epígrafe do capítulo “Necessidades e importância do ensino da ginástica”, do *Manual theorico-pratico de gymnastica escolar*, de Pedro Manoel Borges (1888).

2 Epígrafe da *Gymnastica doméstica, médica e higiênica*, de Schreber (1855).

até observações quanto ao mobiliário, aos materiais e aos métodos de ensino. De acordo com Heloísa Helena Pimenta Rocha,

[...] produzir um espaço próprio para as práticas pedagógicas, redefinir o emprego do tempo, adequar os móveis e materiais escolares às dimensões do corpo infantil, conformar os métodos e processos de ensino aos padrões higiênicos, elaborar dispositivos de normalização, com vistas a prevenir e corrigir as deformidades físicas e intelectuais das crianças, assegurando-lhes a saúde plena. Estas foram algumas das preocupações que se impuseram aos médicos-higienistas brasileiros, em sintonia com o movimento higienista que ganhava corpo internacionalmente, entre a segunda metade do século XIX e as décadas iniciais do XX (Rocha, 2005, p. 92).

Tratar de todas essas questões tinha como finalidade tornar a escola um ambiente de educação exemplar, o mais saudável possível, digno de receber as crianças, de zelar por suas formações e, dessa maneira, cuidar das novas gerações. Segundo Gondra e Rocha (2002, p. 502), “longe dos ruídos e das exalações [sic], do mundo do trabalho, da doença e da morte, a escola vai sendo pensada enquanto lugar de silêncio, atenção e, sobretudo, enquanto lugar de saúde”. Pouco a pouco, a escola ganha não só importância como se diferencia das demais instituições sociais.

Com efeito, as recomendações dos médicos não se restringiram à organização da escola enquanto instituição de ensino. Muitas delas foram direcionadas à preocupação com a higiene escolar, mas também incidiram na prescrição de exercícios físicos e na defesa do ensino e da prática da ginástica.³ Não por acaso, a relação entre medicina, saúde, educação, exercícios físicos e ginástica também foi bastante explorada pela historiografia da educação física. Entre os autores que já escreveram a esse respeito, destacam-se os trabalhos de Paiva (2003); Soares (2001, 2009); Góis Jr. (2013); Costa, Santos e Góis Jr. (2014); Peres e Melo (2015);

3 Foram os médicos uns dos primeiros a atuarem no cuidado com a educação física das crianças, influenciando na prescrição de exercícios físicos e na defesa da ginástica, dentro e fora da escola.

Melo e Peres (2016), entre outros. Nunca é demais lembrar que uma das vertentes que influenciou o discurso pedagógico da educação física foi oriunda do pensamento médico-higienista. Tendo como questão central a promoção e a manutenção da saúde, os médicos procuraram pontuar os fatores que contribuíam para a falta de saúde dos brasileiros, entre eles a constituição de um corpo fraco pela falta de exercícios físicos. De acordo com Costa, Santos e Góis Jr.,

[...] particularmente, a Ginástica escolarizada foi carregada de princípios higienistas que articulados com outras representações formavam a gênese da Educação Física. Ela se firmou neste contexto, onde era utilizada em conjunto com outras práticas na disseminação de hábitos higiênicos, mas também, na inculcação de uma mentalidade que representava o moderno, o urbano, o civilizado (Costa; Santos; Góis Jr., 2014, p. 281).

Assim, tanto o corpo individual – esse instrumento a mais das forças produtivas, como se reporta a ele Carmen Soares (2001) – quanto o corpo social foram tomados pela medicina como objeto de estudo para intervenção nos hábitos de vida da população, visando à promoção de saúde coletiva e individual.

Segundo Carmen Soares,

[o] discurso e a prática médica oriundos da medicina social em suas concepções preponderantes, ou seja, naquelas higienistas, de forte caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo, irão constituir-se em instrumento de intervenção na sociedade. Irão impor-se no sentido de alterar hábitos, costumes, crenças e valores (Soares, 2001, p. 25).

Contudo, a ginástica e os exercícios físicos representavam apenas uma das medidas recomendadas na época. Os médicos influenciaram ainda a prescrição de uma série de preceitos que também abrangiam cuidados com a higiene do corpo, com a alimentação, com o vestuário etc.

Sabemos que a ginástica, enquanto prática social, passa a ser escolarizada no ensino público primário de Minas Gerais no início do século XX, tendo como um dos argumentos principais a promoção da saúde (Vago, 2002, 2010). Sabemos também que uma das medidas para a escolarização dos exercícios físicos e da ginástica foi a adoção dos manuais de ginástica (Puchta, 2015). Em Minas Gerais, destaca-se a adoção e a circulação de pelo menos cinco deles. Trata-se da *Gymnastica doméstica, médica e higiênica*, de autoria do médico alemão Daniel Schreber; do *Manual theorico-pratico de gymnastica escolar*, de Pedro Manuel Borges; do *Manual de gymnastica escolar*, assinado por Caldas e Carvalho; e do *Compendio pratico de gymnastica*, de autoria de Martiniano Ferreira; e do *Tratado pratico de gymnastica sueca*, do médico e ginasta sueco Ludwig Kumlien. A maioria desses manuais foi publicada na segunda metade do século XIX e um deles no início do século XX.

É esse conjunto de fontes, catalogadas em diferentes acervos, que pretendemos explorar no âmbito deste texto.⁴ Considerando que os manuais de ginástica veicularam inúmeros saberes – tanto teóricos quanto práticos – sobre o corpo e a prática da ginástica, nosso intuito aqui é inquirir quais recomendações em relação à saúde estão presentes (ou não) nos referidos manuais. Para além da prescrição dos exercícios físicos e da ginástica, o que os autores escreveram sobre a questão da saúde? Procurou-se identificar nos manuais não apenas a defesa da prática da ginástica na vida das pessoas, especialmente das crianças, como também sua vinculação com os cuidados destinados à saúde, seja individual ou coletiva.

4 Entre os acervos visitados para a localização e catalogação desses manuais, encontram-se: o Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte; a Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em São Paulo; a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro; e a Biblioteca Nacional do Desporto, em Lisboa.

Observações quanto à saúde presentes nos manuais de ginástica

Para viabilizar a prática de exercícios físicos e o ensino da ginástica nas escolas, alguns estados resolveram adotar manuais de ginástica para servir de referência ao trabalho desenvolvido pelos professores junto aos alunos, não sendo diferente em Minas Gerais. Entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, identificam-se a adoção e a circulação de alguns títulos em território mineiro. Um dos primeiros, que inclusive influenciou a publicação de outros, sendo citado por autores brasileiros, foi a *Gymnastica doméstica, médica e higiênica*, de Schreber. Publicado pela primeira vez na Alemanha, em 1855, o manual de Schreber foi traduzido para vários idiomas, publicado em diferentes países e veiculado em diferentes estados brasileiros, incluindo Minas Gerais (Puchta, 2015).

Segundo o entendimento de Schreber (1855, p. 11), “para que as flores e frutos da árvore da vida do espírito possam adquirir força e vigor, é necessário que as raízes, de que brotam, se achem sempre em um estado de desenvolvimento regular e de conveniente energia”. Schreber foi adepto da ginástica e um grande defensor da prática de exercícios físicos. De acordo com o médico ortopedista alemão, para não descuidar da saúde, era fundamental manter o equilíbrio entre as atividades do espírito e a prática regular de exercícios físicos, por isso a recomendação da ginástica e a prescrição de inúmeros exercícios em seu manual. Segundo ele, “tal é a origem da ginástica atual, que não é mais do que um exercício muscular, baseado no desenvolvimento natural do corpo e na conservação da saúde” (Schreber, 1855, p. 12). A partir desse fragmento, extraído do manual, é possível perceber uma relação direta entre a prática da ginástica e a conservação da saúde.

Contudo, apesar de o manual de Schreber apresentar várias séries de exercícios que poderiam ser realizados no ambiente doméstico, foi a escola a instituição elegida pelo Estado como tendo condições para cuidar da educação física das crianças. No caso de Minas Gerais, basta observarmos o que consta no Decreto nº 1.947, de 30 de setembro de

1906, que aprova o novo programa do ensino primário. Segundo consta no referido documento, muitas crianças “não teriam ‘em suas casas os meios e a ocasião dos exercícios que a escola lhes pode proporcionar’” (Vago, 2002, p. 229). De acordo com Vago (2002, p. 229), “afirmava-se, assim, a escola como lugar por excelência para a realização das práticas corporais que concorreriam para o seu desenvolvimento físico, que somente ela lhes poderia proporcionar”. Não é casual que alguns anos antes, nas últimas décadas do século XIX, foram publicados vários outros manuais de ginástica, inclusive por autores brasileiros, sendo muitos deles dedicados especificamente ao ensino da ginástica nas escolas.

Podemos mencionar outro manual que também circulou em Minas Gerais. Trata-se do *Manual theorico-pratico de gymnastica escolar*, de Pedro Manoel Borges, o primeiro manual de ginástica ao qual tivemos acesso que foi escrito por um autor brasileiro. Impresso no Rio de Janeiro em 1888, Borges publicou seu manual justamente pelo reconhecimento do seu trabalho e experiência acumulada como professor de ginástica no ensino público primário e na Escola Normal do Estado do Rio de Janeiro. Segundo ele,

[...] o ensino da ginástica é de uma necessidade absoluta. Ela acostuma o corpo, por meio de exercícios bem coordenados e sistematicamente ensinados, a um porte naturalmente garboso nas diferentes posições e movimento que executa: **facilita o desenvolvimento físico e fortifica a saúde** (Borges, 1888, p. 5, grifos nossos).

A partir do fragmento extraído da obra de Borges, acima citado, é possível perceber uma visão positiva quanto ao ensino da ginástica. Como o autor mesmo menciona, a presença da ginástica nas escolas auxiliaria no desenvolvimento físico e na promoção da saúde do alunado. No entanto, o que também é possível extrair do fragmento em questão é a associação dos exercícios ginásticos à correção dos corpos infantis. O intuito era transformar os corpos fracos e débeis das crianças nos então almejados corpos fortes e sadios ou com um “porte naturalmente garboso”. Aqui, estamos nos referindo ao já conhecido primado da correção e da

constituição dos corpos para o qual Tarcísio Mauro Vago (2002, 2010) nos chama a atenção. Conforme nos mostra Vago (2010, p. 52), “endireitar, corrigir, constituir e embelezar corpos”, esse era o “primado orientador da ginástica como ortopedia”. Através da prática da ginástica – seja nas escolas, seja fora delas, em outros tempos e espaços sociais – uma nova sensibilidade corporal passou a ser almejada. Segundo ele,

[...] desempená-los e colocá-los em posição ereta e varonil era a exigência de um desejado novo tempo de uma nova civilização: da escola esperava-se que realizasse a façanha de operar a transmutação de corpos grotescos em corpos refinados, com a contribuição da ginástica (Vago, 2010, p. 54).

Um terceiro manual que circulou no estado mineiro foi o *Manual de gymnastica escolar*, de autoria de Caldas e Carvalho e publicado pela Editora Francisco Alves em 1896. No livro em questão, não consta nenhuma observação a respeito da preocupação com a saúde. Além das recomendações quanto ao método que deveria ser empregado pelos professores, ao tempo e ao espaço para realização das atividades, entre outras, esse manual é composto, em sua maior parte, pela descrição dos exercícios. Por tratar-se de um livro encomendado e por integrar a coleção de manuais escolares da Editora Francisco Alves, o manual de Caldas e Carvalho também foi pensado para ser utilizado especificamente nas escolas.

Outros dois manuais circularam em Minas Gerais nesse período. Esses últimos não apenas circularam como também foram adotados oficialmente e adquiridos pelo governo do estado para serem utilizados nas escolas públicas primárias mineiras. O primeiro deles, intitulado *Compendio pratico de gymnastica*, é de autoria do mineiro Antônio Martiniano Ferreira. Martiniano Ferreira atuou como professor de ginástica na Escola Normal de Ouro Preto e teve seu manual publicado pela Imprensa do Estado de Minas Gerais, com quem firmou um contrato na época. O manual de ginástica elaborado pelo professor mineiro foi desenvolvido especificamente para utilização nas escolas. Segundo Martiniano Ferreira,

[a] ginástica é a arte de desenvolver o organismo por meio de exercícios convenientemente aplicados. Os fins principais da ginástica são três:

1. Tornar robusta a pessoa débil, dando grande força aos músculos por meio de exercícios moderados e convenientemente aplicados.
2. Debelar certas enfermidades, como sejam fraqueza do organismo, falta de circulação do sangue e muitas outras, principalmente quando se acham em princípio.
3. Curar certas enfermidades, principalmente as nervosas, em que tem dado excelentes resultados. Neste caso, somente se deve fazer aplicação da ginástica depois de ter sido ouvido o médico (Ferreira, 1897, p. 10).

Na visão do autor, a ginástica contribuiria não apenas para a correção e a constituição dos corpos infantis, como também poderia atuar tanto na prevenção quanto na cura de determinadas enfermidades. Essa visão da ginástica compreendida não apenas do ponto de vista educativo, mas também como um recurso terapêutico, aparece em outros manuais. O próprio Schreber reconhecia a ginástica como terapêutica, devendo, nesse caso, ser prescrita exclusivamente por um médico.

Por fim, destaca-se o *Tratado pratico de gymnastica sueca*, do médico ginasta sueco Ludwig Kumlien. Publicado originalmente em francês, o manual de Kumlien também foi traduzido para outros idiomas, sendo a edição em português datada de 1908.⁵ Inúmeros exemplares desse manual também foram comprados pelo estado de Minas Gerais para serem distribuídos e utilizados nas escolas. Mais de trezentos exemplares foram adquiridos entre os anos de 1909 e 1912.

5 Para mais informações sobre o *Tratado práctico de ginástica sueca*, cf. PUCHTA, 2015; BONIFÁCIO, 2019; BAIA; BONIFÁCIO; MORENO, 2019.

Segundo Kumlien (1908, p. 13), a ginástica racional, criada na Suécia por Ling,⁶ “não se trata de sortes de força ou destreza destinadas a emocionar o público como as de uma ginástica num circo; trata-se de trabalhar para benefício próprio, para a saúde, e todos podem e devem lançar mão dela”. Com pretensões de melhoria da saúde, apenas os exercícios da ginástica racional – pensada a partir do conhecimento científico – poderiam auxiliar a todos que, na visão de Kumlien, deveriam praticá-la. As acrobacias realizadas na ginástica de circo apenas serviriam para entreter o público e não para benefício próprio, conforme o médico-ginasta sueco fez questão de frisar em seu manual. Ou seja, enquanto os artistas circenses se apresentavam para o público, o praticante da ginástica racional deveria estar preocupado com sua saúde individual.

Assentado numa racionalidade científica, o discurso médico que aproximou a ginástica das questões da saúde também a transformou enquanto atividade social, criando novas formas de praticá-la, ressignificando os exercícios e, ao mesmo tempo, criando outros. Essa era inclusive uma premissa do método sueco de ginástica. Segundo Moreno,

[...] era o conhecimento médico, científico, que daria as explicações para a prática corporal. O corpo poderia ser analisado cientificamente e daí construir movimentos precisos e adequados, formas exatas e uniformes de executá-los (Moreno, 2015, p. 130).

Com efeito, eram esses os movimentos que Kumlien prescreveu em seu manual e que deveriam ser executados nas aulas de ginástica nas escolas públicas primárias mineiras.

6 De origem sueca, Pier Henrik Ling (1776-1839) foi o criador de um sistema sueco de ginástica, mais conhecido como método sueco. Para mais informações a respeito de Ling e da ginástica sueca, cf. MORENO, 2015.

Conclusão

Como vimos, a preocupação em promover a saúde a partir da educação esteve presente no século XIX e início do século XX. Entre as inúmeras medidas tomadas, também pensando na saúde e na educação física das crianças, destacam-se a inserção dos exercícios físicos e da ginástica no currículo do ensino público primário mineiro. Para isso, a adoção e a circulação dos manuais de ginástica cumpriram um papel importante, tendo em vista que eram nesses manuais que os professores poderiam se embasar para garantir o ensino da ginástica nas escolas.

Em outras palavras, se os exercícios físicos e a ginástica foram escolarizados, inseridos no currículo como prática escolar obrigatória e como mais uma expressão da relação entre saúde e educação, os manuais de ginástica foram o suporte no qual era possível ter acesso aos conteúdos e aos métodos de ensino.

Os exercícios presentes nesses manuais não eram quaisquer exercícios, mas apenas aqueles provenientes da ginástica racional, do pensamento médico e do conhecimento científico. Essa era a ginástica que deveria adentrar os muros da escola. Contudo, é importante ter clareza de que essa ginástica racional, defendida pelos médicos, não era a única maneira de praticar ginástica ou a única forma de cuidar da saúde. De acordo com Melo e Peres,

[há] muitos riscos que cercam essa tendência de olhar a ginástica exclusiva ou majoritariamente a partir dos debates sobre saúde. Um deles é superdimensionar a capacidade de imposição social dos pressupostos médicos. Entre a população, e mesmo no próprio campo da medicina, persistiam muitas práticas “não científicas” e divergências, também com outros sujeitos históricos (como boticários, benzedeiros, curandeiros etc.) (Melo; Peres, 2016, p. 1136).

A preocupação em entender como, no âmbito da instituição escolar, os exercícios físicos foram sendo construídos a partir de conceitos médicos

não é novidade na historiografia da educação física brasileira. Carmen Soares (2001) já considerava importante saber como determinado conteúdo – o exercício físico – “contribui para veicular, entre outras, a ideia da saúde vinculada ao corpo biológico, corpo a-histórico [...] corpo de um ‘bom animal’” (Soares, 2001, p. 34).

A partir do reconhecimento da importância da prática de exercícios físicos e da inclusão da ginástica nos programas do ensino primário mineiro, a escola passa a ser vista também como instituição responsável por cuidar da educação física das crianças. A preocupação com a educação física dos alunos – vista como condição para a formação de cidadãos fortes e robustos – marca não apenas a escolarização dos exercícios físicos e o ensino da ginástica nas escolas, como também uma aproximação ainda maior das relações entre saúde e educação.

Referências

BAIA, A.; BONIFÁCIO, I.; MORENO, A. Tratado prático de gymnastica sueca de L. G. Kumlien: itinerários de um manual no Brasil (1985-1933). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, e078, p. 1-23, 2019.

BONIFÁCIO, I. **Itinerários de Ludvig Gideon Kumlien e a (re)produção da ginástica sueca (1895-1921)**. 2019. 157p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BORGES, P. M. **Manual theorico-pratico de gymnastica escolar elementar e superior**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888.

CALDAS, M.; CARVALHO, E. **Manual de gymnastica escolar**. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia., 1896.

COSTA, L.; SANTOS, M.; GÓIS JR., E. O discurso médico e a EF nas escolas (Brasil, século XIX). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 28, p. 273-82, abr./jun. 2014.

FERREIRA, A. M. **Compendio pratico de gymnastica**. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897.

GÓIS JR., E. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: RJ, século XIX e início do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 139-159, jan./mar. 2013.

GONDRA, J. G. Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 25-38, abr. 2003.

GONDRA, J. G. **Artes de civilizar medicina, higiene e educação escolar na corte imperial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

GONDRA, J. G.; ROCHA, H. H. P. A escola e a produção de sujeitos higienizados. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 493-512, jul./dez. 2002.

KUMLIEN, L. C. **Tratado pratico de gymnastica sueca**. Lisboa: Typographia Lusitana Editora, 1908.

MELO, V.; PERES, F. Relações entre ginástica e saúde no Rio de Janeiro do século XIX: reflexões a partir do caso do Colégio Abílio, 1872-1888. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1133-1151, out./dez. 2016.

MORENO, A. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Uberlândia v. 37, n. 2, p.128-135, 2015.

PAIVA, F. S. L. **Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização**: condições de possibilidade para engendramento do campo da educação física no Brasil. 2003. 474p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PERES, F.; MELO, V. O trato da gymnastica nas revistas médicas do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 167-185, maio/ago. 2015.

PUCHTA, D. R. **A escolarização dos exercícios físicos e os manuais de ginástica no processo de constituição da educação física como disciplina escolar (1882-1926)**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ROCHA, H. H. P. Inspecionando a escola e velando pela saúde das crianças. **Educar**, Curitiba, n. 25, p. 91-109, 2005.

ROCHA, H. H. P. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde** no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras; Fapesp, 2003.

ROCHA, H. H. P. A educação da infância: entre a família, a escola e a medicina. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 235-262, abr. 2010.

SCHREBER, D. G. M. **Gymnastica doméstica, médica e higiênica ou representação e descrição de movimentos gymnasticos que não exigem aparelho algum nem auxílio estranho e podem ser executados em qualquer ocasião e lugar para uso dos dois sexos e para todas as idades acompanhada com aplicações a diferentes afecções**. Lisboa: Candido Magalhães, 1855.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, C. L. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros movimentos da ginástica no Brasil. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. (org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Edunesp, 2009. p.133-178.

VAGO, T. M. **Histórias de educação física na escola**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

VIÑAO, A. Higiene, salud y educación en su perspectiva histórica. **Areas: Revista de Ciencias Sociales**, Murcia, n. 20, p. 9-24, 2000.